

PEDRAS VERDES
PIEDRAS HIJADAS OU *SP*
STONES: O COMÉRCIO
PEDRAS NA AMAZÔNIA INDÍGENA
SOB O OLHAR DOS EUROPEUS

PEDRAS VERDES,
PIEDRAS HIJADAS OU SPLEEN
STONES: O COMÉRCIO DE
PEDRAS NA AMAZÔNIA INDÍGENA
SOB O OLHAR DOS EUROPEUS

ANDRÉ DA SILVA LIMA
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, PARÁ, BRASIL

Resumo

PEDRAS VERDES, PIEDRAS HIJADAS OU SPLEEN STONES: O COMÉRCIO DE PEDRAS NA AMAZÔNIA INDÍGENA SOB O OLHAR DOS EUROPEUS

Este artigo trata das diferentes visões européias sobre o uso de pedras como adornos por grupos indígenas na zona do estuário Amazônico e na costa norte brasileira. Estas pedras foram bem descritas por missionários e colonizadores, mais sua importância foi minimizada e esquecida ao longo do tempo pelos pesquisadores de história indígena e arqueólogos em geral. Seu valor está associado principalmente à cultura tapajônica por causa dos raros “muraquitãs” encontrados no baixo Tapajós. Contudo, observando os registros antigos podemos notar que os franceses em São Luís referem-se ao fato de os tupinambás e tapuias usarem as pedras verdes como adornos corporais, estando restritas aos homens adultos e casados. Já entre os espanhóis e portugueses, o uso de pedras “hijadas” é narrado para fins religiosos, como amuletos mágicos. No norte amazônico, os ingleses, holandeses e irlandeses também notaram o uso de pedras preciosas e semipreciosas em trocas junto a outros grupos indígenas e em tratamentos contra a melancolia e pedra nos rins (*spleen stones*). De acordo com esses relatos, as pedras verdes tinham um importante papel nas sociedades indígenas, seja como elementos de troca, seja como amuletos religiosos e/ou para o tratamento de doenças.

Palavras-chave: Pedras verdes, objetos de troca, contato cultural

Abstract

GREEN STONES, PIEDRAS HIJADAS OR SPLEEN STONES: THE STONE TRADE IN INDIGENOUS AMAZONIA FROM THE EUROPEANS' PERSPECTIVE

This article addresses the different European views on the use of stones as ornaments by indigenous groups in the area of the Amazon estuary and the northern Brazilian coast. These stones were well described by missionaries and settlers, but their importance has been minimized and forgotten over time by the researchers of indigenous history and archaeologists in general. Its value is related to tapajó culture mainly because of the rare “amulets” found in the lower Tapajós. However, observing the ancient records we can see that the French

at Saint Louis refers to the fact that tupinambás and tapuias use the green stones as body ornaments, a practice restricted to married men. Among the Spanish and Portuguese, the use of “pedras hijadas” is explained in its religious purposes, such as magical amulets. In the northern Amazon, the British, Dutch and Irish also noted the use of precious and semiprecious stones in exchanges with other indigenous groups and treatments against melancholy and kidney stones (spleen stones). According to these reports, the green stones had an important role in indigenous societies, either as items of exchange, either as religious amulets and / or for treating diseases.

Keywords: green stones, objects of exchange, cultural contact

Resumen

PIEDRAS VERDES, PIEDRAS HIJADAS O SPLEEN STONES: EL COMERCIO DE LAS PIEDRAS EN LA AMAZONÍA INDÍGENA BAJO LOS OJOS DE LOS EUROPEOS

Este artículo aborda las diferentes opiniones europeas sobre el uso de piedras como adornos de los grupos indígenas en el área de la desembocadura del Amazonas y la costa norte de Brasil. Estas piedras fueron bien descritas por los misioneros y los colonos; su importancia se ha minimizado y olvidado con el tiempo por los investigadores de la historia indígena y los arqueólogos en general. Su valor está relacionado con la cultura tapajônica principalmente a causa de los raros “amuleto” que se encuentran en el Tapajós inferior. Sin embargo, observando los registros antiguos, podemos ver que los franceses en San Luís se refieren al hecho de que tupinambás y tapuias usaban las piedras verdes como adornos corporales, estando restringidos a los hombres casados. Entre los españoles y portugueses, el uso de “pedras hijadas” es narrado con fines religiosos, tales como amuletos mágicos. En el norte de la Amazonía, los británicos, neerlandeses e irlandeses también tomaron nota de la utilización de piedras preciosas y semipreciosas en los intercambios con otros grupos indígenas y los tratamientos contra la melancolía y los cálculos renales (piedras del bazo). Según estos informes, las piedras verdes tuvieron un papel importante en las sociedades indígenas, ya sea como objetos de intercambio, ya sea como amuletos religiosos y / o tratamiento de enfermedades.

Palabras claves: pedras verdes, objetos de intercambio, contactos culturales

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo algumas histórias contadas sobre a região Amazônica foram ignoradas ou dadas como fictícias pelos pesquisadores em geral. Histórias sobre lendas de tesouros perdidos, cidades perdidas, foram amplamente narradas por exploradores e viajantes nos séculos XVI e XVII, e refutadas ou esquecidas pelos cientistas no decorrer dos séculos seguintes. No entanto muitas destas histórias estão sendo reavaliadas, extraindo os fatos ficcionais e discrepantes.

Este texto pretende justamente analisar uma dessas lendas amazônicas, referentes às chamadas pedras verdes (“spleen stone” pelas fontes inglesas ou “pedras hijadas” pelos espanhóis). Muitas vezes



Figura 1. Muiraquitã; exemplar sob a guarda do Museu do Forte. Fotografia de João Ramid.

simplificadas em trabalhos contemporâneos com o nome de “muiraquitãs”, tendo em vista a sua descrição apenas como adorno para uso com cordões junto ao pescoço, essas pedras variavam em formas, tipos e tamanhos, e eram ti-

das para as sociedades indígenas como bem mais do que simples adornos, adquirindo usos diversos pelos indivíduos de acordo com sua origem étnica. O trabalho de Boomert (1987) sobre as pedras verdes amazônicas destaca-se na literatura pelo amplo tratamento dado a estes objetos, salientando seu provável uso em trocas cerimoniais que teriam como objetivo estabelecer alianças entre líderes poderosos de diversas regiões amazônicas, com enfoque maior nos muiraquitãs do baixo Amazonas.

Buscamos aqui uma reavaliação das fontes históricas que citam as “pedras verdes”, de forma a ampliar nossa visão de sua incidência nas sociedades indígenas pré-contato, bem como para servir de base para estudos arqueológicos, visando observar seu papel naquelas sociedades, seja como objeto de troca, seja como ornamento ou como objeto de cunho religioso.

As fontes documentais quinhentistas e seiscentistas usadas neste artigo apontam, de maneira geral, duas grandes áreas de exploração e comércio dessas pedras entre os indígenas: uma na região dos grupos litorâneos de língua Tupi, entre o Pará e o Maranhão; e outra entre grupos de língua Aruak e Caribe, na região do Amapá e ilhas do arquipélago marajoara, na entrada mais ao norte do rio Amazonas.

AS PEDRAS VERDES E BRANCAS NOS RELATOS DE FRANCESES NO TERRITÓRIO TUPI

Os grupos tupis do Maranhão, no caso os tupinambás, davam grande valor às

pedras verdes. Isso foi verificado pela primeira vez quando os franceses estabeleceram uma frente de colonização na região denominada de França equinocial, cujo centro era a ilha do Maranhão (São Luís). Os capuchinhos da missão francesa, Yves D'Evreux e Claude D'Abbeville fizeram registros, hoje preciosos, desse interesse dos tupinambás por tais pedras, entre os anos de 1613 e 1615.

Embora esses escritos dos capuchinhos franceses tenham já sido bastante comentados e estudados, vide o trabalho de Andrea Daher (2002), a literatura mais conhecida que utiliza a descrição desses capuchinhos franceses no que se refere ao comércio e utilização de pedras verdes e brancas provém do arqueólogo André Prous (1991: 453).

Na leitura de Prous, as pedras verdes seriam subdivididas em duas categorias ou classes: a primeira se limita a considerá-las simples contas cilíndricas, semelhante aos elementos de jade “comuns nas culturas mesoamericanas”. Outra se refere aos pingentes chamados “muiraquitãs”, na forma de pássaros ou rãs (zoomórficos), citando ainda algumas que teriam uso medicinal. Segundo Prous estas pedras seriam próprias da cultura tapajônica, que devido ao escambo foram ser encontradas com outros povos, chegando até as Antilhas (Prous 1991: 453-54).

O principal capuchinho da missão francesa em São Luís do Maranhão, o experiente Yves D'Evreux, que já havia estado no Brasil em 1555 na chamada França Antártica (litoral do Rio de Janeiro), fez questão de anotar os costumes dos

tupinambás para melhor evangelizá-los. Seus escritos ricos de informações e diálogos entre indígenas e franceses deram origem à obra intitulada “Nord du Brésil”. Apesar de sua importância, a obra de D'Evreux quase foi destruída em 1615 por questões políticas e religiosas, ainda na tipografia. Os dois únicos exemplares, parcialmente destruídos pelo fogo, só foram re-publicados pela primeira vez em 1864.

D'Evreux faz descrições de como eram feitas as trocas de pedras entre os indígenas do Maranhão. Cita o caso de uma troca feita entre um tupinambá e um miariense, por uma pedra labial. De acordo com D'Evreux, tais pedras eram ornamentos caros nas trocas dos tupinambás; grande quantidade de mercadorias eram trocadas por uma única pedra, ainda que nas trocas entre indígenas o lucro fosse uma compensação pela perda de um bem precioso:

“Os tupinambás e tapuias dão muito apreço a estas pedras. Vi por uma pedra para o beijo dar o valor de mais de vinte escudos de mercadorias um tupinambá a um miariense, em nossa casa de São Francisco, no Maranhão” (D'Evreux 2002: 94).

No texto podemos observar que D'Evreux faz distinção entre os tupinambás e os tapuias, sendo o grupo miariense pertencente aos Tapuias. Apesar da distinção, tanto os membros das tribos tupinambás quanto tapuias usavam as pedras como enfeites labiais colocados enfiados na pele, entre a gengiva e os lábios inferiores, e também nas bochechas e orelhas. Aparentemente quanto maior o número dessas pedras

aderidas no corpo, maior o prestígio social do indivíduo dentro do grupo. Isso demonstra também que os bens materiais entre os tupinambás e tapuias, associados à vaidade ou proteção, podiam ser trocados pelos indivíduos, e não fazia parte dos bens da comunidade de uma maneira geral. O capuchinho D'Evreux, em seguida, traz outro caso interessante:

“Um certo Cabelo Comprido veio ter conosco, ornado com seus enfeites mais lindos, que consistiam em dois chifres de bodes e quatro dentes de corça, muito compridos, em vez de brincos, de que muito se orgulhava por havê-los alcançado com indústria (...) A maior, porém, de suas ostentações era uma destas pedras verdes, de comprimento, pelo menos de quatro dedos, bem redonda, o que me agradou tanto a ponto de desejar trazê-la para a França. Perguntei-lhe o que queria que lhe desse por esta pedra, respondeu-me: “dê-me um navio de França carregado de machados, de foices, de vestidos, de espadas e de arcabuzes” (D'Evreux 2002: 94).

Sua tentativa de troca com “Cabelo Comprido” nos fornece uma idéia do valor das pedras junto aos indígenas, e também permite observarmos os produtos europeus que realmente valiam para os indígenas nessas trocas, aqueles produtos que mais lhe interessavam obter dos conquistadores franceses (ferramentas, roupas e armas em geral).

Ainda segundo o chefe capuchinho, os tupinambás usavam essas pedras aderidas ao corpo desde quando deixavam a infância. No princípio, tinham os lá-

bios inferiores furados, onde colocavam pequenas varetas de madeira, e quando adolescentes passavam a usar conchas recortadas ou pedras brancas. Por fim, já adultos e com fama de guerreiros passavam a usar pedras verdes. Portanto as pedras eram uma prova de maturidade entre os homens que as usavam e deviam recebê-las provavelmente durante um ritual de passagem. Caso não houvesse dessas pedras nas proximidades da aldeia, utilizavam as pedras brancas, conforme relato de outro missionário francês chamado Claude D'Abbeville. A obra “História da missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças”, publicada originalmente em Paris no ano de 1614, também traz diversas informações sobre o costume dos tupinambás:

“Quando meninos trazem dentro do buraco (no beijo inferior) um bocado de paus ou de vignol (caracóis grandes do mar) muito polidos em roda por fora do lábio, e um pouco compridos ou ovais por dentro, a fim de se conservarem neste lugar; quando são casados ou em estado de se casarem, trazem nos beijos pedrinhas verdes, de que fazem grande apreço, e em falta destas, trazem brancas como os rapazes; porém mais grossas e algumas mais compridas, que tiram e colocam em seus lugares quando querem. Vi muitos trazerem pedras maiores do que o polegar, e mais compridas do que um dedo, pelo que trazem o beijo caído, e só com dificuldade podiam falar” (D'Abbeville 2002: 258).

Supõe-se por esse depoimento que os adornos funcionassem como diferenciadores de idade. As crianças somente

usavam madeira e conchas. Quando adultos, passavam a usar pedras brancas e se na idade de casar passavam às verdes, variando as formas e tamanhos das pedras conforme as trocas que faziam para adquiri-las. D'Abbeville deixa subentendido que apenas os casados tinham o direito de usar as verdes. No entanto, não há um consenso entre D'Evreux e D'Abbeville sobre a diferenciação sexual no uso das pedras. Para D'Abbeville essas pedras eram usadas apenas pelos homens, mas D'Evreux cita o uso das pedras brancas como parte do enxoval das mulheres, conforme podemos ver no trecho abaixo:

“Nessa ocasião (como auaté), como guerreiros são bons para combater, nunca porém para comandar: buscam casar-se, o que não é difícil por consistir o enxoval da noiva apenas de algumas cabaças que lhe dá a sua mãe para principiar a sua casa, vestidos e roupas, ao contrário, em nosso país as mães fornecem enfeites e pedras brancas a suas filhas” (D'Evreux 2002: 130).

Segundo D'Evreux as mulheres também usavam as pedras brancas quando casavam. Como o missionário não faz referência ao uso de pedras verdes, supõe-se que realmente eram de uso exclusivo dos homens casados.

Os colonizadores franceses demonstraram estranhamento a tais costumes, mas ardilosamente deixaram o livre arbítrio entre os tupinambás. Sabiam eles o quanto era importante para esse grupo indígena o uso das pedras, e como sofreram nas mãos dos portugueses por não lhes permitirem esse hábito.

Os tupinambás nesse período estavam migrando para o norte, fugindo da expansão portuguesa que se ampliava para nessa direção. Segundo o antropólogo Florestan Fernandes, na obra “Organização social dos Tupinambá”, os grupos existentes no Maranhão seriam provenientes da costa de Pernambuco e Bahia, sendo improvável a sua migração do Rio de Janeiro (Fernandes 1948: 40-41).

Nutriam uma grande inimizade com os portugueses chamados por eles “pêros”, por proibirem e maltratarem aqueles tupinambás que mantinham sua cultura, além de os escravizarem. Segundo um discurso, coletado por D'Abbeville, proferido por Japiaçu, um dos principais chefes da ilha:

“Os peros (portugueses) antigamente nos maltratavam, praticando em nós muitas crueldades, só porque trazíamos os beijos furados, e os cabelos compridos, e mandavam raspar nossas cabeças como sinal de infâmia. A esse respeito, dize-nos qual é a tua vontade, nós a ouviremos, e depois nos resolveremos a obedecer-te” (D'Abbeville 2002: 88).

No início da ocupação francesa, mostraram-se apreensivos sobre a questão dos costumes. O capuchinho D'Abbeville escreve que os franceses liderados pelo capitão Ravardière, percebendo essa preocupação, deixaram alguns costumes básicos a critério dos indígenas, talvez por razões de segurança, para evitar as sublevações:

“(…) Não me desagradava e, pelo contrário, quero que conserveis os cabelos compridos: a respeito de vossos beijos furados, desejo que

por vos mesmos seja abandonado este costume tolo; por isso não vos farei mal algum, embora eu aprecie mais aqueles que os desprezarem por amor de minhas reflexões: finalmente, quanto a vossas danças eu as aprovo quando feitas como as nossas, para distração” (D’Abbeville 2002: 89).

Os adornos de orelhas e lábios inferiores, os cabelos compridos e as danças permaneceram por serem menos perigosas e profanas aos olhares católicos. Outros costumes foram proibidos, como a antropofagia dos inimigos e, com a chegada dos padres, a poligamia e o xamanismo (D’Abbeville 2002: 89). Como podemos observar nesses textos dos capuchinos, existe uma grande preocupação dos tupinambás com relação aos seus costumes e sua possível proibição por parte dos colonizadores franceses. Disso dependia a sua sobrevivência cultural. As chamadas pedras brancas e verdes tinham um significado muito grande dentro do contexto cultural, o que levou os Capitães franceses a permitirem o seu uso ainda que dele não gostassem (Figura 2).

Outra grande pergunta a ser respondida com relação às pedras diz respeito à sua origem. De onde vinham as pedras usadas pelos tupinambás do Maranhão?

Algumas minas foram registradas pelo missionário D’Abbeville quando descreveu as principais aldeias existentes no Maranhão. Uma das aldeias, por exemplo, chamava-se Itaendaue, que significa “largo de pedras”. O cacique ou principal dessa aldeia tinha o sugestivo nome de Uaignon-Mondeuue, que significa

“lugar onde se apanham pedras azuis” (D’Abbeville 2002: 186). Aparentemente, o nome dos seus caciques tinha muito a ver com o nome do local de sua aldeia. Mas, conforme o contato se produzia, alguns nomes foram trocados pelos “apelidos” que os franceses davam. O nome do cacique de Itapari é um exemplo disso, chamado originalmente de Metarapua, que significava “pedra branca” e passou a ser “apelidado” de Caranguejo pelos franceses.



Figura 2 - Tupinambá François Carypyra, retratado por D’Abbeville usando uma pequena pedra no queixo (D’Abbeville 2002: 323).

Citando Yves D’Evreux, Prous afirma que os indígenas tupinambás conseguiram “muraquitãs” na região da Serra do Mearim, na província do Maranhão, com o objetivo de fazer comércio com as tribos vizinhas (seriam os mesmos miarienses citados por D’Evreux?). Mas salienta que seria na região de Santarém que os “muraquitãs” teriam sido com mais frequência fabricados, e que posteriormente seriam levados para fora da Amazônia. Ainda segundo este autor, as fontes etnográficas indicariam também que as pedras verdes eram utilizadas

como proteção contra várias doenças, sendo que esta prática teria sido levada para a Europa, utilizada para combater a epilepsia e as pedras nos rins, por isso recebendo o nome de nefrita (Prous 1991: 453-454).

A arqueóloga norte-americana Betty Meggers (1979: 156) destaca igualmente na região de Santarém e na boca do rio Tapajós a existência de amuletos polidos de pedra verde, no formato de rãs.

Ainda que as fontes sejam pouco informativas com relação à origem das pedras, podemos verificar que havia um contato muito próximo desses grupos maranhenses com os que habitavam o Pará. A viagem de Ravardière ao rio Pacajá, descrita por Yves D'Évreux, para lutar contra os caramapins, inimigos dos tupinambás do Pará, indica contatos de longa distância e é prova de que os grupos tupinambás do Maranhão e Pará mantinham regulares alianças entre si contra os inimigos de outras etnias (D'Évreux 2002: 82-83). Não podemos então descartar um fluxo de trocas envolvendo todas as aldeias tupis da região entre o Pará e o Maranhão antes da conquista.

RELATOS PORTUGUESES SOBRE AS PEDRAS VERDES

As fontes portuguesas, escritas pelos primeiros conquistadores, apontam para minas de pedras preciosas muito próximas ao que seria depois o Forte do Presépio, em Belém do Pará. André Pereira, no seu texto “Relação do que há no rio das Amazonas novamente descoberto no ano de 1616” e publicado nos

Anais da Biblioteca e Arquivo Publico do Pará, escreve a respeito dessas possíveis minas.

“Neste rio [Rio Pará] se acharão também duas pedras antes de virmos a elle [antes de chegarmos] de muito grueso [muito grandes], as quais diz um capitão Franzes que alli foi por lingoa, foram roubadas de hun Ingres a o Franzes que as levaba, e corre a demanda em Inglaterra sobre ellas, e que estão avaliadas em muitos cruzados” (Pereira 1902: 05).

Conforme podemos perceber no trecho da descrição, tais pedras encontradas na posse de um francês que as roubou de um inglês eram de formas e tamanhos desconhecidos. Foram tidas na época como grandes e avaliadas em muitos cruzados, o que nos faz pensar que seriam de algum material precioso ou semiprecioso. Também não apresentam desenhos ou forma de figuras, descartando-as como muiraquitãs. Supõe-se que estas, diferentemente das encontradas junto aos grupos tupinambá eram oriundas de outra região, talvez da região colonizada por ingleses, irlandeses e holandeses no Cabo do norte e arquipélago marajoara. Daí então deduzirmos que as pedras verdes tupinambás eram usadas de maneira diferente das pedras do norte Amazônico.

AS PEDRAS VERDES RELATADAS POR OUTROS EUROPEUS ENTRE OS INDÍGENAS DO NORTE AMAZÔNICO

No outro lado da entrada do Amazonas, no chamado Cabo do Norte, outro grupo lingüístico utilizava pedras semelhantes como ornamentos. Tais pe-

dras foram observadas pelos primeiros exploradores espanhóis Orellana e Carvajal, ainda no século XVI, e suas informações logo passaram a ser conhecidas por outras nações européias. Esses documentos sobre a ocupação inglesa, irlandesa e holandesa, foram publicados no livro “English and Irish Settlement on the River Amazon 1550-1646”, editado por Joyce Lorimer, em 1989.

Um dos documentos escritos, citados por Lorimer, é do corsário, explorador e poeta inglês sir Walter Raleigh. Ele foi um dos poucos que tiveram acesso às informações das viagens de Orellana ao Amazonas e, após conquistar a Guiana, passou a investigar a entrada do rio Amazonas em 1596. Colheu diversos registros da região e das populações residentes e, antes de ser executado por ordem do rei inglês, escreveu o livro “The Discoverie” ou “Descoberta do grande e maravilhoso império da Guiana”:

“(...) não há duvida que o comércio de ouro daquele lugar passa por ramaís de rios até o rio Amazonas... Thevet escreve que as pessoas traziam Croissants de ouro, desta forma os Guianianos mais comumente os fazem: Como de Dominica para o Amazonas os quais são aproximadamente 250 léguas distantes um do outro, todos os chefes dos índios em todas as partes usam aquelas lâminas de ouro da Guiana. Não há dúvida que aqueles que comerciam no Amazonas retornam com mais ouro o qual (como supracitado) é trazido pelo comércio da Guiana, por algum braço do rio que desemboca da região para dentro do Amazonas, pelo rio que passa pelas nações chamadas Tisnados, ou pe-

los Carepuna(...). Estes Amazonas tem igualmente numerosas riquezas dessas placas de ouro, as quais eles aproveitam trocando principalmente por um tipo de pedra, as quais os espanhóis chamam de Piedras Hijadas, e nós usamos como spleen stones, e pelo desejo das pedras nós os estimamos: Dessas vi várias em Guiana, e cada rei ou Cacique tinha uma, e suas esposas estimavam ser jóias importantes” (Lorimer 1989:128-32).

Citando o trabalho ilustrativo de André Trevet, o capitão inglês Raleigh conclui que o ouro encontrado com indígenas da Guiana sai do Amazonas por pequenos braços de rios controlados pelas nações chamadas por ele de Tisnados ou Carepunas, de onde são comercializados, chegando até Dominica (atual República Dominicana) via comércio de longa distância.

Segundo o historiador Antônio Porro, Tisnado viria do espanhol e significaria: “pintados de preto” (Porro 1993: 61-62). Seria a pintura de guerra usada por essas tribos, e que foram descritas pela primeira vez por Carvajal, na viagem de Quito à Belém, entre 1541 e 1542. Tais grupos indígenas, segundo o autor, estariam situados perto de Monte Alegre, onde a descrição física do local é semelhante à descrita por Carvajal. Ainda segundo Antônio Porro, Carepunas seria um etnônimo, uma variação, de “Caraiib”, e o sufixo tupi “una” (Porro 1993:72). Contudo, no livro “Povos indígenas no Brasil”, organizado por Carlos Alberto Ricardo, consta que o nome carepuna seria um termo caribe dos povos do norte do Amapá para designar

os grupos inimigos (Ricardo 1983: 63). Portanto eram grupos localizados no litoral do Amapá, provavelmente Aruãs ou Palikures.

Voltando à teoria do explorador Walter Raleigh, os indígenas Amazônicos trocavam esse ouro em forma de lâminas por “pedras hijadas” (ou em inglês: spleen stones), muito estimadas, e usadas por caciques e suas mulheres como jóias. Neste caso, teria visto pessoalmente muitos usando tais adereços na Guiana. Diferentemente das pedras verdes Tupinambás as “pedras hijadas” ou “spleens stones” seriam usadas por homens e mulheres indistintamente.

Tais pedras são apresentadas em diferentes textos e sem muitos detalhes pelos exploradores e colonos ingleses que fundaram colônias na região da foz do Amazonas, até sua expulsão pelos militares portugueses, após longa campanha militar que durou toda a primeira metade do século XVII.

Pelo que podemos averiguar, algumas tribos usavam as pedras como uma espécie de moeda de troca; supõe-se que conseguiam na época pré-contato muitos objetos com a troca dessas pedras. O texto comentado por Lorimer, do explorador John Ley, datado de 1598, nos permite uma análise mais profunda a esse respeito. Este capitão inglês viajou por entre as primeiras ilhas do Cabo do Norte, muito provavelmente entre a ilha do Bailinque e ilha do Curuá, no Canal do Gurijuba, a uma das quais deu o nome de Ilha dos Peixes:

“(…). Nessa noite dia dois de junho ancoramos e abaixo da parte mais

oriental delas havia uma canoa com índias pescando. Elas tiveram receio em vir para o lado do nosso navio: nessa ilha não morava ninguém. Mas para o grande suprimento de peixe nós nomeamos a ilha de ilha dos peixes; Os índios geralmente em grande número se reuniam lá para pescar; fora dessa ilha o mar nos apresentou uma ilha muito pequena com um tufo de árvores nela; estávamos no terceiro dia do mês de junho e ancoramos numa costa onde construímos nossa Chalupa [barco usado para navegação em águas rasas], período em que os índios vieram em grande quantidade, 300 de uma vez. Com a nossa Chalupa terminada, partimos daquele lugar, para duas outras ilhas. Os índios foram até nós atrás de contas e bagatelas, nos traziam alguns suprimentos e algumas pedras (spleen stones) (...)” (Lorimer 1989: 132-33).

Através deste relato de John Ley podemos dizer que tais grupos, neste caso Aruãs, praticavam comércio com os visitantes e provavelmente entre as demais tribos do litoral do Amapá. O fato de levarem suprimentos e as pedras nos permite concluir que eles costumavam trocar por outros objetos. Provavelmente o poder de troca dessas pedras era muito grande entre os indígenas, mas isso passou despercebido pelos antigos antropólogos e historiadores, que preferiram ver o caráter religioso dos “muiraquitãs”, e não o seu valor comercial.

Continuando com o relato de John Ley, percebemos que havia trocas regulares dos grupos aruak com os tupis, pois ele mesmo descreve grupos que seriam

tupis com grande quantidade de pedras verdes.

“Taparawacur: são o povo perto da parte mais oriental do rio Amazonas, eles têm grande quantidade de pedras verdes, as quais chamamos de spleen stones (jades ou pedra nefrítica). Seus lábios inferiores pendem para baixo, tão baixo como seus queixos, eles bebem sangue e criam seus filhos dessa maneira desde o nascimento” (Lorimer 1989:135).

A parte mais oriental do Amazonas concentrava a população chamada por John Ley de Taparawacur. Segundo o explorador, eles tinham grande quantidade de pedras verdes e as usavam nos lábios como os tupis. Outro ponto que os relacionam aos tupis é o fato de “beberem sangue”, ou seja, serem canibais, tal como são descritos os grupos Tupinambás naquele período.

Quanto a esse aspecto, podemos observar que uma das diferenças apresentadas nas fontes documentais desse período é que os grupos tupis usavam as pedras como ornamentos presos aos lábios ou em cordões no pescoço; já os grupos aruaks usavam as pedras possivelmente como jóias amarradas em cordões, pois não existe a menor indicação de usarem nos lábios ou no rosto e orelhas. Por sinal, um explorador irlandês de nome Bernardo O’Brien, depois chamado pelos portugueses de Bernardo Del Carpio, a serviço dos colonos ingleses, foi rio acima montar colônia e encontrou muitos indígenas na terra chamada de Harauaca. Nesse lugar disse encontrar muitas pedras cristalinas e brilhantes (que Lorimer identifica como topázios),

muito valorizadas pelos índios. Contudo, Bernardo O’Brien revela uma outra utilidade para as pedras:

“O suplicante subiu o rio para uma terra onde havia índios tão selvagens que em nenhum lugar eles os encontrariam nem o desejo deles em falar com ele. Por essa razão ele abandonou o mesmo rio novamente e por outro rio que sai desse e corre através de terras chamadas Harauaca, onde há pedras cristalinas e brilhantes as quais os índios valorizam como bens para tratamentos de melancolia e problemas de raiva, tédio, eles desceram pelo rio para a costa, onde o rio é chamado de Serenan, de lá (do norte) eles vieram por terra para a boca do Amazonas, e de lá eles retornaram para o forte em Cocodivac(…)” (Lorimer 1989: 266).

Para O’Brien as pedras “cristalinas e brilhantes” (e não verdes) eram usadas para o tratamento de “melancolia”, “raiva” e “tédio” entre os indígenas daquela região. Essa é a melhor definição para a expressão inglesa “spleen stones”, e que confere um melhor significado. Se compararmos com o depoimento de Walter Raleigh, perceberemos a semelhança no modo de identificar as pedras.

Em termos atuais, fica extremamente difícil a localização dessas terras visitadas por O’Brien, onde estariam tais minas. Contudo, hoje o desejo de estudar esses sítios e extrair informações sobre o passado desses grupos é maior do que de achar minas de pedras preciosas. As melhores fontes documentais para uma tentativa de localização são os mapas antigos. Por meio da comparação geográfica poderíamos localizar tanto

as jazidas quanto os vestígios de seus ocupantes do passado.

Sabemos por esses relatos que as pedras também tinham um valor comercial para os colonos, pois aparecem nas listas de produtos enviados para a Europa:

“Das mercadorias melhor apresentadas a eles na nossa visão por uma pesquisa, ou atividade. São: cana de açúcar, algodão hidrófilo, capim macio, tintas de cereais, gomas doces, âmbar, balsamo, óleos, mel, banhas, algumas pimentas, drogas, madeiras nobres e simples, materiais feitos de penas coloridas, tabaco, cristal, jade, pórfiro, safiras, topázios, spleen-stones, minerais, e plantas de tempero selvagem, como pimentas” (Lorimer 1989: 278-79).

A lista acima contém muitos produtos já bastante conhecidos pelos historiadores, como açúcar, algodão e tabaco, mas aparecem outros, menos conhecidos como o âmbar, bálsamo, óleos e as pedras preciosas e semipreciosas como cristal, jade, safira, topázios e outros minerais. Comparando-a com outra lista também de 1626, do capitão Roger North percebemos que eram produtos comuns e, portanto podem nos sugerir uma possível explicação da falta desses materiais nos sítios arqueológicos da região.

“Esses lucros ou comodidades que essas terras podem oferecer nunca foram suficientemente pesquisadas: até agora foram encontrados cana de açúcar, algodão, corantes, madeiras nobres, drogas, óleos, goma, cereais, alguns condimentos, tabaco, capim macio, cristal, safiras, topázios, *spleen stones*, e diversos minerais,

que nunca foram experimentados e alguns pedaços de metal tem sido encontrado usado pelos índios que o misturam com uma terça parte de ouro. Há ilhas inteiras de floresta selvagem com árvores que produzem espécie de noz. E podemos esperar grandes lucros daquele lugar, como os portugueses do Brasil” (Lorimer 1989: 285).

Nas duas listas de mercadorias feitas por Robert Harcourt e Roger North no ano de 1626 as “spleen stones” aparecem ao lado de outras pedras preciosas e semipreciosas. Sugere que também seriam de material nobre e vendido no mercado europeu por meio da Companhia de Comércio da Guiana. Até o ano de 1631 essas pedras comumente aparecem nessas listas inglesas, conforme podemos ver nos textos históricos publicados por Joyce Lorimer.

Seu valor intrínseco elevado dentro das sociedades indígenas pré-históricas pode nos indicar a existência de uma economia política. Carlos Alberto Ricardo em “Povos indígenas no Brasil”, com base em trabalhos de P. Grenand e La Barre afirma que a guerra entre os palikures e os galibis no século XVII teria ocorrido por causa das pedras verdes. Os galibis originários do norte da Guiana queriam ter acesso aos povos tupis do Baixo Amazonas para deles obterem as pedras verdes, sendo obstruídos pelos palikures do litoral do Amapá (Ricardo 1983: 21). A guerra entre esses povos é um fato bem comentado na bibliografia, entre as quais destaco “As Questões Ambientais na Fronteira Oiapoque/Guiana Francesa: Os Galibi, Karipuna e Paliku” (Assis 1993), e “Po-

vos Indígenas do Amapá e Norte do Pará” (Galois & Gruponi 2003).

CONCLUSÃO

Ao observarmos as fontes francesas, inglesas e portuguesas podemos tirar algumas conclusões, ainda que preliminares, devido à escassez de informações e até de vestígios materiais de tais pedras. Ao que parece, tendo em vista as fontes quinhentistas, que as pedras usadas pelos tupinambás não tinham a mesma finalidade e forma das usadas pelos grupos de Santarém e da região do cabo do norte. Em nenhum trecho das obras de Yves D’Euvreux e Claude D’Abbeville existem descrições sobre desenhos nas pedras que os Tupinambás usavam, embora algumas fossem polidas. Outro ponto de diferença é o uso dessas pedras como adorno nos lábios inferiores, comuns nos tupinambás, mas que não aparecem entre os grupos do Amapá e Ilhas Marajoaras da mesma maneira como fora descrito pelos capuchinhos franceses. Ao que tudo indica, os grupos marajoaras usavam as pedras para fins medicinais e ou religiosos, assim como também pelos europeus que tiveram contato com eles. As “spleen stones” diferenciavam-se por esse uso terapêutico das demais pedras preciosas e semipreciosas encontradas junto aos indígenas. Entretanto será que as spleen stones eram as mesmas pedras verdes tupis? Pelo depoimento de Bernardo Del Carpio elas seriam cristalinas e brilhantes, segundo outros exploradores também seriam diferentes de jades e topázios, portanto não-verdes.

As “pedras hijadas” descritas por espanhóis e portugueses seriam então as mais vistosas e conhecidas como “muiraquitãs”, pelo uso em colares no pescoço. Contudo devemos notar que, mesmo sendo decorada com desenhos, isso não significa que todas tivessem os mesmos desenhos ou formatos de rãs. Os povos tapajônicos adotavam esta simbologia e lhe davam grande valor. Além disso, como já descritos por Veríssimo, havia os totens usados em proas de barcos, feitos provavelmente com o mesmo material (Veríssimo 1970). Recentemente, Porro (2010) apresentou a hipótese de que tais “ídolos”, como foram extensamente chamados na literatura, eram utilizados acoplados a tubos de inalação de substâncias psicoativas em rituais xamânicos.

Concluindo, podemos dizer que as trocas e conflitos entre os grupos dessas regiões do norte amazônico, de ocupação francesa, inglesa e holandesa, bem como as do Amazonas ibérico poderiam ser maiores do que atualmente pensamos, tendo em vista o acesso a tais pedras e jazidas, além da representação que cada cultura fazia delas no seu cotidiano. Somente com novos estudos comparativos entre essas duas regiões amazônicas poderíamos esclarecer as dúvidas quanto ao uso das pedras por cada grupo étnico, bem como esclarecer sua procedência e influência na história sociocultural desses povos.

REFERÊNCIAS

Assis, E. 1993. As questões ambientais na fronteira Oiapoque/Guiana Francesa: Os

- Galibi, Karipuna e Palikur, in *Sociedades Indígenas e Transformações Ambientais*. Organizado por A. C. Magalhães. 1993. Belém: NUMA/UFPA.
- Boomert, A. 1987. Gifts of the Amazons: “Greenstone” pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia. *Antropologica* 67:33-54.
- Daher, A. 2002. *Les singularités de la France Équinoxiale: Histoire de la mission des pères capucins au Brésil (1612-1615)*. Paris: Honoré Champion Éditeur.
- D’Evreux, I. 2002. *Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614*. São Paulo: Siciliano.
- D’Abbeville, C. 2002. *História da missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*. São Paulo: Siciliano.
- Fernandes, F. 1948. *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A.
- _____. 1952. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. Revista do Museu Paulista: NS (VI). São Paulo.
- Galois, D. & D. F. Grupioni. 2003. *Povos indígenas do Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* São Paulo: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo.
- Lorimer, J. (ed.). 1989. *English and Irish settlements on the River Amazon 1550-1646*. London: Hakluyt Society.
- Meggers, B. J. 1979. *América pré-histórica*. Rio: Paz e Terra.
- Nimuendajú, C. 1981. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio: IBGE.
- Pereira, A. 1902. Relação do que há no rio das Amazonas novamente descoberto no ano de 1616. *Annales da Bibliotheca e Archivo Público do Pará* 1. Belém: Imprensa de Alfredo Augusto Silva.
- Porro, A. 1993. *As Crônicas do Rio Amazonas: notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2010. Arte e simbolismo xamânico na Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* 5(1): 129-144.
- Prous, A. 1991. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Ricardo, C. A. (coordenador geral). 1983. *Povos indígenas no Brasil*, n.3. Amapá/Norte do Pará. São Paulo: CEDI.
- Veríssimo, J. 1970. *Estudos Amazônicos*. Coleção Amazônica. Série José Veríssimo. Belém: Edufpa.

Recebido em 04/05/2010.

Aprovado em 14/08/2010.